

Sic transit Saramago

José Saramago teve ontem o mundo aos seus pés. Um dia de pompa e circunstância marcado por algumas cenas à portuguesa

ROSA AMARAL

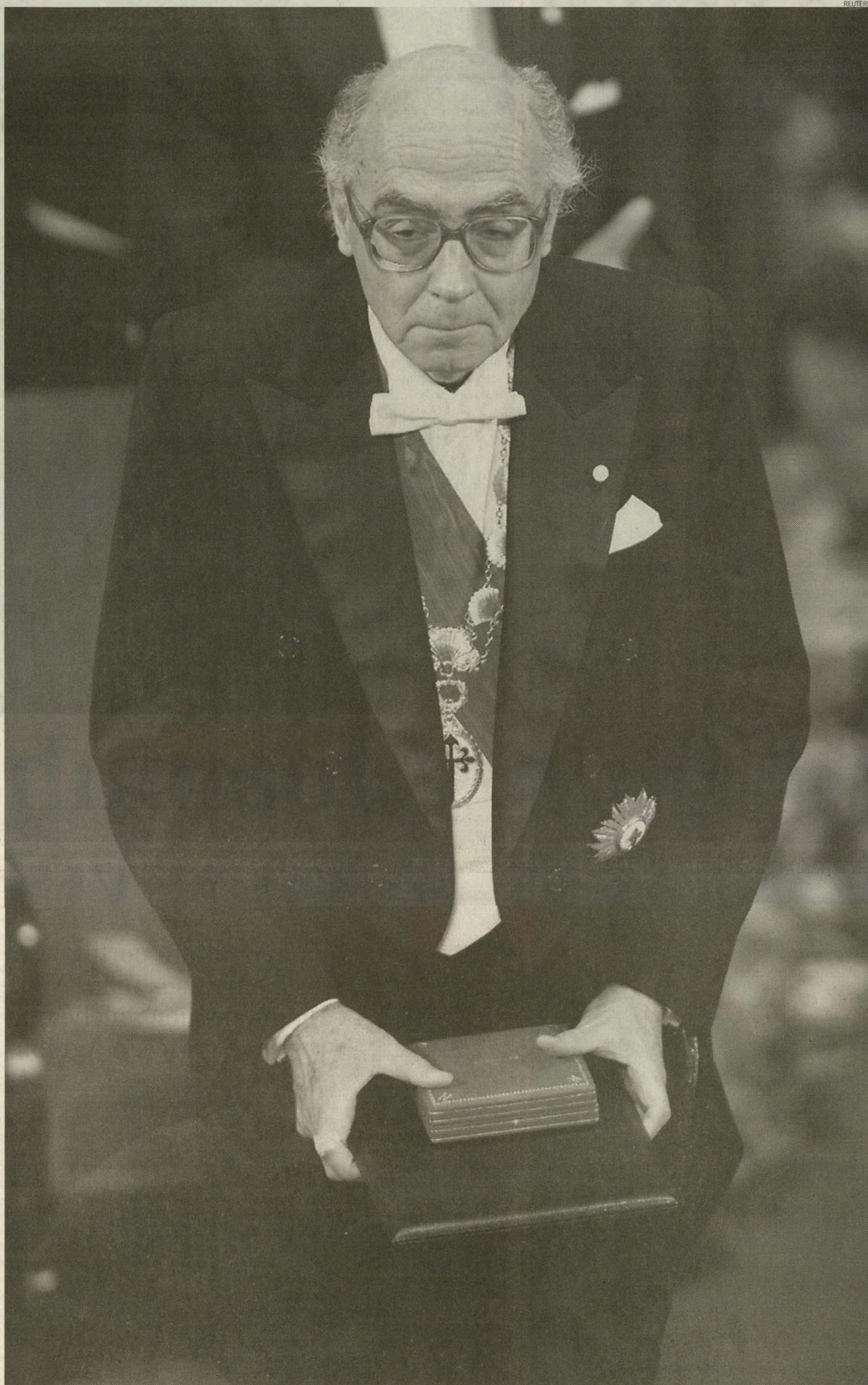
O MUNDO, que José Saramago diz estar "esquizofrénico", rendeu-se ontem aos seus pés. O escritor aceitou a vénia, as homenagens, os aplausos. O mudo descalço da Azinhaga do Ribatejo tem hoje o seu nome gravado na mítica lista de cidadãos do Mundo que conquistaram o direito à imortalidade através de um Nobel. Portugal, em bicos de pés, assistiu deslumbrado. Num país onde ler um livro é hábito raro, não deixa de ser irónica a importância dada a Saramago. Até Jorge Sampaio, depois de afirmar à exaustão que o Nobel da Literatura pertencia exclusivamente ao escritor, não resistiu a estar presente na cerimónia, contra todas as regras e protocolos, lado a lado com mulheres, filhos e sobrinhos laureados. O Prémio Nobel vale o que vale. Em Portugal vale tudo.

Foram dois meses infinitos. Dois meses de Saramago em Lanzarote ou em Lisboa. Saramago intimista ou militante político. Saramago e Pilar del Rio. Saramago perseguido e incompreendido pelo Governo de Cavaco Silva. Saramago Nobel da Literatura. Aos 76 anos, o escritor aguentou a pressão. Por vezes comovido até às lágrimas. Muitas vezes exausto até aos ossos. Perseguido pelos média, pelos leitores, pelos camaradas de partido, pelos curules, o escritor depressa aprendeu a viver com a sua nova pele. E nós com ele.

Senhor de uma vaidade confessada, Saramago não resistiu a contar o que lhe ia na alma. Insultou o Mundo, "que prefere escavar rochas em Marte a acudir a quem tem fome". Sacudiu com desprezo as críticas do Vaticano, abraçou Fidel Castro, condenou Pinochet, criticou o Governo de Guterres, apoiou a CGTP, ironizou Clinton. Rodeado de câmaras, de fotógrafos, de gravadores, falou, falou, falou. E nós a ouvi-lo. Uma espécie de "Cadernos de Lanzarote", mas ao vivo e em directo.

Com o aproximar da data da entrega do prémio o cerco começou a apertar mais. Há uma semana que os jornais, a rádio, as televisões não falam de outra coisa. Os títulos das obras de Saramago serviram para os mais variados trocadilhos. A torto e a direito, lá vinha a Blimunda e o Baltazar Sete Sóis, citava-se "Todos os nomes" ou "O Evangelho segundo Jesus Cristo", e o próprio Sampaio não resistiu a dizer que se sentiu "levantado do chão" com a atribuição deste prémio a um escritor de língua portuguesa.

Mas no meio de todas estas banalidades houve uma altura em que José Saramago conquistou de novo o silêncio e a admiração. No



discurso na Academia Sueca, o escritor português comoveu a assistência e lembrou a todos que já tinha esquecido porque é que o Nobel estava nas suas mãos. O homem vaidoso, cidadão do Mundo, escritor consagrado, desceu do pedestal e apresentou o seu avô Jerónimo e a avó Josefa, gente simples mas sábia que lhe ensinou a ver o mundo pelo seu lado mais bonito. Falou do povo, da arraia-miúda de ontem e de hoje, da gente com quem cresceu e que mais tarde escolheu para povoar os seus livros. Falou do duro ofício de viver sem perder nunca a dignidade. Falou, durante quase uma hora, e enfeitou a culta e cosmopolita plateia daquele auditório de Estocolmo.

Logo após a sentida salva de palmas, toca a trabalhar. Os portugueses tinham de saber tudo. Era preciso entrevistar o chofer escolhido pela Academia Sueca para transportar Saramago du-

Saramago ficou furioso com a SIC por estar furado o embargo. Durante o jantar, foi proibida de entrar na sala

rante a sua visita, está claro, um português. Saber a ementa do banquete, a quantidade de flores, a opinião de suecos anónimos sobre a obra do escritor, o vestido que Pilar del Rio ia levar à cerimónia da entrega do Nobel. O vestido de Pilar foi, aliás, motivo de uma pequena polémica. O "Público" afirmava ontem de manhã que Pilar iria vestida de seda vermelha com uma frase bordada na "fimbria do vestido", uma declaração de amor de Madalena a Jesus tirada do "Evangelho segundo Jesus Cristo". Horas mais tarde a TSF garantia que a frase bordada no vestido não era de amor mas sim contra a ditadura. No final ficámos a saber que o vestido, afinal,

era de um azul-pálido, e da célebre frase nem uma letra conseguia vislumbrar-se na televisão. Esperamos que nos esclareçam.

Este interesse suscitado pela roupa da mulher de Saramago justifica-se pela importância de Pilar na vida do escritor. A jornalista espanhola parece querer encaixar na máxima que diz que "por detrás de um grande homem está sempre uma grande mulher", e desde o primeiro minuto desta nova vida de Saramago que tem estado sempre ao seu lado. Sempre com um sorriso de orgulho. Sempre, não. Ontem, ao fim da manhã, Pilar mostrou-se furiosa, chegando mesmo a gritar com os seus colegas portugueses. O facto de um jornalista da

SIC ter furado o embargo ao discurso de José Saramago enfureceu o escritor e a sua mulher. Isto depois de Saramago ter confessado ser aquele discurso um dos mais importantes da sua vida e que, para mais, teve de penosamente reduzir dos sete minutos iniciais para os apenas dois permitidos pelo protocolo da cerimónia. Resultado, horas mais tarde a SIC não conseguiu entrar no edifício onde decorreram o jantar e o tão desejado discurso do Nobel português, limitando-se a editar uma emissão triste para a qual tinha apostado tudo, enquanto os jornalistas da RTP 1, excitados com o exclusivo, mostravam aos portugueses a sala do banquete onde Saramago,

sentado ao lado da rainha Sílvia da Suécia, comia um gelado. Exactamente à mesma hora, em Lisboa, o Sindicato dos Jornalistas publicava um comunicado em que condenava a quebra do embargo por Vítor Moura Pinto e pela SIC.

O dia mais longo da vida de Saramago terminou ontem pouco depois das dez da noite. Um dia memorável e irrepitível. Para os próximos meses Saramago já tem a agenda preenchida, visto que as solicitações vêm dos quatro cantos do Planeta. Primeiro Cuba, depois Brasil, depois o Mundo. Quanto ao que vai fazer com o dinheiro do Nobel, isso continua a ser um segredo que o escritor pretende não revelar. Claro que ninguém tem nada com isso. Mas não deixa de ser sintomático que os primeiros a beneficiar com um cheque assinado por Saramago sejam os funcionários da Caminho. Cem contos para cada um.

O discurso do Nobel

‘Alguém não anda a cumprir o seu dever’

CUMPRIRAM-SE hoje exactamente cinquenta anos sobre a assinatura da Declaração Universal dos Direitos Humanos. Não têm faltado comemorações à efeméride. Sabendo-se, porém, como a atenção se cansa quando as circunstâncias lhe pedem que se ocupe de assuntos sérios, não é arriscado prever que o interesse público por esta questão comece a diminuir já a partir de amanhã. Nada tenho contra esses actos comemorativos, eu próprio contribuí para eles, modestamente, com algumas palavras. E uma vez que a data o pede e a ocasião não o desaconselha, permita-se-me que diga aqui umas quantas mais. Neste meio século não parece que os governos tenham feito pelos direitos humanos tudo aquilo a que moralmente estavam obrigados. As injustiças multiplicam-se, as desigualdades agravam-se, a miséria alastra. A mesma esquizofrénica humanidade capaz de enviar instrumentos a um planeta para estudar a composição das suas rochas, assiste indiferente à morte de milhões de pessoas pela fome. Chega-se mais facilmente a Marte do que ao nosso próprio semelhante. Alguém não anda a cumprir o seu dever. Não andam a cumprir os governos, porque não sabem, porque não podem, ou porque não querem. Ou porque não lho

permitem aquelas que efectivamente governam o mundo, as empresas multinacionais e pluricontinentais cujo poder, absolutamente não democrático, reduziu a quase nada o que ainda restava do ideal da democracia. Mas também não estão a cumprir o seu dever os cidadãos que somos. Pensamos que nenhuns direitos humanos poderão subsistir sem a simetria dos deveres que lhes correspondem e que não é de esperar que os governos façam nos próximos cinquenta anos o que não fizeram nestes que comemoramos. Tomemos então, nós, cidadãos comuns, a palavra. Com a mesma veemência com que reivindicamos direitos, reivindicamos também o dever dos nossos deveres. Talvez o mundo possa tornar-se um pouco melhor. Não esqueci os agradecimentos. Em Frankfurt, no dia 8 de Outubro, as primeiras palavras que pronunciei foram para agradecer à Academia Sueca a atribuição do Prémio Nobel da Literatura. Agradei igualmente aos meus editores, aos meus tradutores e aos meus leitores. A todos torno a agradecer. E agora também aos escritores portugueses e de língua portuguesa, aos do passado e aos de hoje: é por eles que as nossas literaturas existem, eu sou apenas mais um que a eles se veio juntar. Disse naquele dia que não nasci para isto, mas isto foi-me dado. Bem hajam portanto.

MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL
EXÉRCITO PORTUGUÊS

CONCURSO DE ADMISSÃO DE LICENCIADOS

MEDICINA

DESTINADOS AO QUADRO DE OFICIAIS

De acordo com o DR N.º 273, II Série e Aviso N.º 18 450/98 de 25 de Nov98, está aberto pelo prazo de 30 dias, a partir da data de publicação, o Concurso Ordinário para preenchimento de 15 vagas nas seguintes especialidades:

Clínica geral/generalista - 4;
Cirurgia geral - 1;
Anestesia - 3;
Ortopedia - 1;
Medicina interna - 1;
Otorrinolaringologia - 1;
Neurocirurgia - 1;
Infecologia - 1;
Pneumologia - 1;
Estomatologia - 1.

Para mais informações contactar:

Direcção dos Serviços de Saúde - Telef. 778 80 01/4/5
Direcção de Administração e Mobilização do Pessoal
Telef. (01) 346 01 21 Ext. 20020